

Portal EXAME

A euforia virou depressão

| 12.06.2008

Em um ano, mais de 200 aberturas de capital e valorização de 100%. No outro, bolsa em queda livre e empresário perdendo quase 1 bilhão de dólares em apenas 6 horas. Bem-vindo ao mercado acionário chinês, o mais enlouquecido do planeta

AP Photo



Bolsa de Xangai: desde o fim do ano passado, a queda nos principais pregões chineses já é de 50%

Por Tiago Lethbridge

EXAME Um dos homens mais ricos do mundo, o brasileiro Liu Ming Chung não consegue esconder seu abatimento. Nascido em Taiwan e criado em São Paulo, Liu e sua mulher controlam uma das maiores companhias da China, a fabricante de papel Nine Dragons. Seu patrimônio individual foi estimado em 1,9 bilhão de dólares no início do ano. Nessa calorosa tarde de sábado, a sede da Nine Dragons, na cidade de Dongguan, no sul da China, está à meia-luz. Apenas a cúpula da empresa e seus assistentes diretos trabalham. A entrevista concedida por Liu a EXAME é interrompida meia dúzia de vezes por reuniões urgentes. Em seu rosto, vê-se o peso das decisões que tomou nos últimos dias. Ele acaba de demitir um de seus mais importantes executivos, responsável pela fábrica de Xangai, segunda maior da Nine Dragons. Por trás da tensão de Liu está um problema que atinge diretamente seu bolso: o mau desempenho das ações da Nine Dragons. Poucos dias antes, as ações tiveram uma

forte desvalorização na bolsa de Hong Kong. Forte, aliás, é eufemismo — o valor de mercado da companhia derreteu 40% num único dia. Se tinha 1,9 bilhão de dólares naquela manhã, Liu perdeu cerca de 800 milhões de dólares de sua fortuna em apenas 6 horas.

Perder dinheiro na bolsa faz parte do jogo. Mas o sumiço do bilhão de dólares de Liu só poderia ter acontecido no mais enlouquecido mercado acionário do mundo, o chinês. Em outros países, quedas súbitas de 40% no valor de uma ação podem até ser justificadas por eventos extremos, como pedidos de falência, atentados terroristas devastadores ou a observação de meteoros que se aproximam da Terra. Não aconteceu nada remotamente parecido com a Nine Dragons. Fundada por Liu e sua mulher em 1995, a empresa é uma das mais rentáveis fabricantes de papel do mundo. Liu, um dentista de 46 anos, construiu em Dongguan o maior centro de produção de papel do planeta. Poucas empresas estão tão ligadas ao crescimento chinês quanto a Nine Dragons. A companhia produz o tipo de papel usado nas caixas que empacotam produtos exportados pelo país. A China exporta e Liu ganha. Mas eis que veio a hecatombe. No anúncio de seu resultado trimestral, a Nine Dragons divulgou que as margens de lucro haviam caído de 20,4% para 15,8%. É um patamar ainda altíssimo para os padrões do setor. Mas foi suficiente para que o pânico se instalasse no pregão de Hong Kong. "A reação foi extremamente exagerada", disse Liu a EXAME dias após ter ficado quase 1 bilhão de dólares menos rico.

Se há uma característica que define o mercado financeiro chinês, é precisamente o exagero. E, até o fim de 2007, o exagero era todo para cima. Em 2006, após cinco anos de calmaria, a bolsa de Xangai começou a entrar numa espiral de euforia. Em dois anos, o valor das ações foi multiplicado por 5. E o índice Dow Jones, da bolsa americana, teve uma valorização de míseros 17% no período. Essa euforia se tornou visível com a série de aberturas de capital de empresas chinesas nos últimos dois anos. Foram 242 somente no ano passado. A maior delas foi a da PetroChina, em novembro. Os investidores compraram suas ações como se fossem garrafas de água mineral francesa no deserto de Gobi. Apesar de ter um quarto do faturamento da americana Exxon, a petrolífera estatal chinesa chegou a valer 1 trilhão de dólares, tornando-se a maior empresa do mundo em valor de mercado. O Banco Industrial e Comercial da China passou a ser o maior do planeta após sua abertura de capital. Empresas de internet chinesas valiam na bolsa o equivalente a mais de 100 vezes sua geração de caixa, número típico dos anos da bolha ponto-com. Havia sinais de exuberância irracional para todos os lados.

Esses sinais não foram suficientes para que os investidores chineses se retraíssem. Uma geração inteira viu na bolsa sua primeira chance de enriquecer facilmente. E a classe média chinesa se empolgou para valer. Mais de 115 milhões de contas em corretoras especializadas em comprar e vender ações foram abertas. No ano passado, a média foi de 300 000 novas contas por mês. Para os chineses, entrar na bolsa era um jogo com vitória garantida. A inexperiência logo cobrou seu preço. Em direção contrária às mais básicas recomendações dos gestores de investimentos, essa geração de neófitos cometeu toda série de erros. Um estudo da consultoria Kapronasia mostrou que 65% dos investidores chineses colocam todo o seu dinheiro em uma, duas ou três ações — assumindo, portanto, um enorme risco no caso de uma

mudança de cenário. Reportagens da imprensa local descreviam histórias de investidores que decidiam sua carteira de ações baseados em numerologia e previsões de bruxos. Um número dá a medida exata do nível de amadorismo do mercado financeiro chinês: investidores individuais respondem por 60% das transações na bolsa de Xangai. Em mercados mais sofisticados, os investidores entregam a administração de seu dinheiro a profissionais. No Brasil, a fatia de investidores pessoa física não passa de 26%. Nos Estados Unidos, é de 5%. Quanto mais amadores no circuito, maior a irracionalidade do mercado.

A sede com que os chineses começaram a investir na bolsa não é explicada apenas por uma irracional certeza de que nada dará errado. Há pouquíssimas opções de investimento na China. A poupança paga menos juros que a taxa de inflação. Não é permitido aplicar fora do país. Fundos de investimento em títulos de dívida ou câmbio inexistem. A renda per capita dobrou nos últimos seis anos, mas os chineses não tinham o que fazer com o dinheiro que começou a sobrar. As duas únicas alternativas eram comprar casas (cujos direitos de propriedade valem por 70 anos) ou ações. "O excesso de dinheiro e a falta de opções de investimento só poderiam refletir no preço dos ativos, como imóveis e ações", diz Geoff Lewis, diretor de uma subsidiária do banco de investimento JPMorgan na China.

No fim do ano passado, os oráculos da economia mundial começaram a alertar sobre os excessos do mercado chinês. O investidor americano Warren Buffett, o homem mais rico do planeta, considerou o mercado chinês "quente demais" e vendeu suas ações. O ex-presidente do banco central americano Alan Greenspan disse que uma "dramática contração" estava a caminho. E a bolha começou a estourar. Se demorou dois anos para sair dos 1 000 para os 5 500 pontos, a bolsa de Xangai levou menos de seis meses para voltar aos 3 000. A queda nas ações nas três principais bolsas chinesas, portanto, já supera 50% no período. Empresas imobiliárias, que tinham sido infladas pela soma das duas bolhas, perderam até 75% de seu valor de mercado. E o preço das ações de companhias que abriram o capital nos últimos dois anos já voltou ao patamar da época da emissão de ações. No processo, quase 2 trilhões de dólares foram pulverizados. E os investidores tornaram-se extremamente sensíveis a qualquer má notícia — o que ajuda a explicar o pavor com que encararam a queda na rentabilidade da Nine Dragons.

Em queda livre	
Variação da bolsa de Xangai nos últimos três anos	
	(em pontos)
jan 2005	1,191
abr 2005	1,159
jul 2005	1,093
out 2005	1,092
jan 2006	1,258
abr 2006	1,440
jul 2006	1,612
out 2006	1,837
jan 2007	2,786
abr 2007	3,841
jul 2007	4,471
out 2007	5,552
jan 2008	4,383
mai 2008	3,459

Felizmente, o estouro da bolha chinesa não causou um terremoto no sistema financeiro mundial. O motivo para isso é o relativo isolamento das bolsas chinesas em relação ao resto do mundo. Investidores estrangeiros não podem negociar ações em Xangai ou Shenzhen, apenas em Hong Kong. Uma razão para temor era a possibilidade de uma revolta dos novatos financistas chineses à sua primeira paulada na bolsa. Em fóruns na internet, investidores (anônimos, claro) jogam a culpa no governo pela queda das ações. Ninguém esperava que a bolha estourasse antes da Olimpíada — os chineses, como se vê, ainda crêem que o governo é capaz de tudo, inclusive de conter o vaivém do mercado financeiro. A decepção foi tão grande que houve quem não agüentasse o tranco. Um morador da cidade de Shenzhen foi à sua corretora e entrou em desespero ao ver a bolsa caindo e 80% de suas reservas evaporando. "Está caindo de novo, está caindo de novo...", disse o investidor, de 61 anos. Foram suas últimas palavras. Mas os primeiros sinais mostram que

muitos investidores agüentaram. Desde o fundo do poço, em março, vários deles voltaram às compras. A bolsa de Xangai se estabilizou por volta dos 3 500 pontos. Até mesmo o brasileiro Liu Ming Chung decidiu aproveitar o momento de queda das ações da Nine Dragons para apostar. "Ficou barato", afirma ele. "E eu conheço o valor da minha empresa melhor que qualquer outro." Desde então, ele já recuperou algo como 200 milhões de dólares de seu patrimônio. Faltam apenas 600 milhões para ele terminar o ano empatado.



Copyright © 2006, Editora Abril S.A. -
Todos os direitos reservados. All rights reserved.